

## ENTREVISTA

### A LITERATURA COMO UM JEITO DE CORPO

Entrevistado poeta e produtor cultural Douglas de Almeida

Entrevista concedida a Marcelise Lima de Assis<sup>1</sup>

Douglas de Almeida é um dos expoentes do Movimento Poetas na Praça que aconteceu em Salvador (1979-1989). Poeta e produtor cultural inquietante, não perde a oportunidade de recitar versos em praça pública semanalmente como gesto de enfrentamento aos *modus operandi* de todas as formas de censura. Como reflexo de bom herdeiro e devorador de livros deixados pelo seu pai, coordena a biblioteca Betty Coelho no bairro Boca do Rio, em Salvador, além de impulsionar recitais de poesia na cidade. Organizou o livro *Movimento Poetas na Praça: entre a transgressão e a tradição* (2015) e lançou o livro *Confissões de um pecador ateu* (1983).

**Assis:** Você é o organizador do livro *Movimento Poetas na Praça: entre a transgressão e a tradição*, quais foram as influências para a concepção do livro e do próprio movimento, o qual já nasce enquanto um projeto de transgressão político e literário?

**Almeida:** Vivi o Movimento Poetas na Praça durante os anos 1980 e já naquela época percebia a sua importância para além da nossa satisfação pessoal. Havia uma vontade de fazer uma antologia de poemas e outra de escrever um artigo para ser publicado em algum grande jornal. O livro é uma junção dos dois. É uma antologia completa, 44 poetas com,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural pela UNEB, Campus II. Endereço eletrônico: lisy\_assis@hotmail.com

cada um, com um, dois ou três poemas, e um artigo amplo, pois, a pretensão foi situar os Poetas na Praça no contexto histórico dos anos 1980, década pós ditadura militar, e na própria história da literatura, pois os Poetas na Praça pertenceu a um movimento que é um desdobramento da poesia marginal dos anos 1970, que segue uma tradição, que vem de Gregório de Mattos, da Semana de Arte Moderna de 1922 e dos poetas da *Beat Generation*. Me influenciou o conceito de *tradição de ruptura* de Octavio Paz, em que um movimento estético e/ou político, após derrubar um outro que lhe antecedia, não se acomoda e continua no processo de revolucionar. Tradição, quando coloco nos poetas na praça são nos dois conceitos, o tradicional, seguir algo que já existe, como seguir a questão da oralidade, como os cordelistas, e no de Octavio, a tradição dos rebeldes, a tradição de confrontar o que está posto.

O livro também se propôs a ser uma obra de arte, além da arte literária ou da escrita. São 36 imagens, das quais, são 17 fotos de poetas, sendo as outras, reproduções de capas de livros e matérias de jornais, além de 6 cartões-postais, poemas com imagens.

**Assis:** É notório o posicionamento político em cada performance dos poetas que recitam na Praça da Piedade. De modo geral, quais os motivos que impulsionam e levam essa poesia para a rua e espaços não convencionais?

**Almeida:** O recitar na rua é mais do que desenvolver uma proposta estética, um brado de revolta, é uma questão existencial e em certa medida, um jeito de corpo.

Além da questão política, de levar a arte para a rua, atingir um público mais amplo, inclusive, aquele que não está habituado à arte, que não frequenta teatro, galerias de arte, que não vai ao cinema.

Costumo dizer que o artista de rua, o poeta da/na praça é uma pessoa que gosta de estar ao ar livre, de alguma

maneira o atrai o coletivo, tem espírito aventureiro, gosta de liberdade. Recitar, atuar em praças não é para qualquer pessoa, não pode ser algo cerebral, puramente ideológico. Se não tiver este espírito descontraído, essa tolerância, não irá suportar o desconhecido que é atuar na rua, estar sujeito a tudo, à chuva, ao sol, é estar preparado para o inesperado.

Eu faço parte desta trupe, de estar livre, sem amarras, de, além do planejado, dia, horário, estar vivendo o tempo todo surpresas, pois na rua, é o que aparece, não se sabe como, o por quê e de onde.

**Assis:** A Praça da Piedade é uma das mais movimentadas da cidade de Salvador, com algumas igrejas, gabinete de leitura, comércio, além dos carros passando e pessoas circulando. Como é recitar em meio a tantos acontecimentos?

**Almeida:** Dentro da praça o ruído diminui e a projeção de voz dos artistas de rua ajuda. O artista tem que ter saque, jogo de cintura, às vezes, parar, e por um momento, esperar aquele ruído ou acontecimento passar. Com o tempo, acostuma e de certa forma, incorpora tudo que está à sua volta. De certa forma, são as dificuldades, os imprevistos, o inusitado, que fazem o recitar em praça pública algo tão atraente e gratificante.

A arte na rua é sedução e manutenção. Você tem que ter a capacidade de atrair aquele passante que vai para o trabalho ou para casa ou fazer qualquer outra coisa, menos ver um espetáculo artístico. Depois de atraído, você tem que mantê-lo, fazê-lo esquecer por um tempo aquilo que estava fazendo. Esta é a grande arte.

**Assis:** Fale um pouco sobre a necessidade de levar o poema para a rua/prança.

**Almeida:** A poesia, pelo menos, a ocidental, começou na praça, na Ágora da Grécia helênica, portanto, só estamos devolvendo-a.

As pessoas não têm o hábito da leitura, e não gostam de poesia, ou melhor, acham que não gostam de poesia, pois às vezes, nem leram poemas ou foram afastadas desta expressão artística pela escola. Então, a praça, tem esta dupla função, propiciar ao artista um público mais amplo e, às pessoas, a oportunidade de ver um espetáculo em seu local de passagem e sem pagar nada.

A rua para o artista é um desafio. No caso dos poetas, uma peculiaridade. Utilizam apenas o corpo, as expressões verbal e facial. Não há aparato cênico, nem o mais simples, o figurino e adereços. Apenas a voz ditando e o corpo seguindo.